

DESCOLONIZAR O CONHECIMENTO: A PERSPECTIVA DE LEWIS GORDON

Elen Nas¹

Recebido em: 01/12/2023

Aprovado em: 20/12/2023

Resumo: O texto oferece um comentário que objetiva contextualizar a entrevista concedida por Lewis Gordon em Janeiro de 2023 e publicada como podcast², de modo a amplificar o acesso ao pensamento de Lewis Gordon para a língua Portuguesa. Na entrevista ele fala sobre as disputas de narrativa na filosofia e ciência, o apagamento e apropriação das influências Orientais e do Sul nos sistemas de conhecimento e de como a universalização de teorias e conceitos reforçam ideias de 'perfeição' e verdade que refletem o privilégio branco do Norte Global. Lewis Gordon oferece-nos elementos para refletir sobre a necessidade da metafilosofia e metaética para a crítica decolonial e lembra que nos espaços de privilégio não se deve esperar aprovação desde que as perspectivas hegemônicas tendem a resistir à inclusões que tragam diversidade ao campo epistêmico.

Palavras-chave: Decolonização. Educação. Filosofia. Tecnologia.

DESCOLONIZING KNOWLEDGE: THE PERSPECTIVE OF LEWIS GORDON

Abstract: The text offers a commentary that aims to contextualize the interview given by Lewis Gordon in January 2023 and published as a podcast¹, in order to amplify access to Lewis Gordon's thoughts in the Portuguese language. In the interview he talks about narrative disputes in philosophy and science, the erasure and appropriation of Eastern and Southern influences in knowledge systems and how the universalization of theories and concepts reinforce ideas of 'perfection' and truth that reflect white privilege of the Global North. Lewis Gordon offers us elements to reflect on the need for metaphilosophy and metaethics for decolonial critique and reminds us that in spaces of privilege one should not expect approval since hegemonic perspectives tend to resist inclusions that bring diversity to the epistemic field.

Keywords: Decolonization. Education. Philosophy. Technology.

DESCOLONIZAR EL CONOCIMIENTO: LA PERSPECTIVA DE LEWIS GORDON

Resumen: El texto ofrece un comentario que tiene como objetivo contextualizar la entrevista concedida por Lewis Gordon en enero de 2023 y publicada como podcast¹, con el fin de ampliar el acceso al pensamiento de Lewis Gordon en lengua portuguesa. En la entrevista

¹ Elen Nas é posdoc no Instituto de Estudos Avançados/USP. Doutora em Bioética, Mestre em Design e Cientista Social. Foi pesquisadora visitante da UCI (EUA) e Monash (Austrália). Colabora com o laboratório de arte e ciência da Universidade do Texas (Artscilab/UTD), com o [ELA IA](#) (Estratégia Latino-Americana da Inteligência Artificial). É fundadora e coordenadora do projeto [DecolonizAI](#). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-6275-2799>

² Para melhor acompanhamento do texto, sugere-se o acesso aos arquivos de áudio da entrevista, disponibilizados em <https://soundcloud.com/decolonizai>

habla de las disputas narrativas en filosofía y ciencia, la eliminación y apropiación de las influencias orientales y sureñas en los sistemas de conocimiento y cómo la universalización de teorías y conceptos refuerza las ideas de "perfección" y verdad que reflejan el privilegio blanco del Norte Global. Lewis Gordon nos ofrece elementos para reflexionar sobre la necesidad de una metafilosofía y una metaética para la crítica decolonial y nos recuerda que en espacios de privilegio no se debe esperar aprobación ya que las perspectivas hegemónicas tienden a resistir inclusiones que traen diversidad al campo epistémico.

Palabras clave: Descolonización. Educación. Filosofía. Tecnología.

INTRODUÇÃO

Lewis Gordon (Lewis Gordon, 2023) é um filósofo americano, de origem afro-jamaicana e judaica, formado Mestre e Doutor em Filosofia pela Universidade de Yale. Dentre suas centenas de publicações estão "Fear of Black Consciousness" (GORDON, 2022), "Freedom, justice and decolonization" (GORDON, 2020) e "Geopolitics and Decolonization: Perspectives from the Global South" (GORDON, 2017).

Na entrevista concedida em 27 de Janeiro de 2023 via Zoom, ele agradece a todos que antes tiveram coragem para levantar suas vozes, como Ângela Davis, e que se tornaram inspiração para pensadores como ele. Suas falas conjugam seu conhecimento teórico com um modo leve de expor o pensamento que se assemelha a "contações de história". Ele revela perspectivas menos influentes na epistemologia que vão desde os conhecimentos do Oriente e do Sul apropriados e não citados, até os divergentes do hegemônico dentro da própria tradição Ocidental.

Ao falar de metaestabilidade como a 'quintessência humana' (GORDON, 2020), refletida na capacidade de afetar e ser afetado de maneiras tão rápidas e organicamente indivisíveis, Gordon desvia do antropocentrismo para lembrar que a centralização no humano sempre tendeu a favorecer narrativas focadas nos privilégios da cultura ocidental, seus modelos e linguagens. Assim, ao apresentar a metafilosofia ele lembra a importância da filosofia da filosofia, que é entender os modos pelos quais os conhecimentos foram gerados e que histórias de fundo influenciaram as visões de mundo da cultura ocidental (GORDON, 2020). Em outras palavras, quais são as 'molas propulsoras' nas narrativas e seus modos de observar o mundo, que resultaram na cultura, sua literatura, ciência e história.

É sempre iluminador ouvir Lewis Gordon falar, quando ele lembra que o que entendemos por inteligência como algo que torna os humanos ‘a mais especial das espécies’, possui diferentes conceitos em outras linguagens, suas culturas e territórios.

Em outras perspectivas divergentes do modo europeu, inteligência pode ser explicada e interpretada de maneiras mais amplas desde que ela não se resume a um atributo cognitivo do cérebro, ou que seja uma exclusividade humana, senão modos de interagir com o espaço e tudo que nele habita.

Na entrevista, que está publica em partes, com edições no site DecolonizAI (NAS; TERCEIRO, 2022), inauguramos o podcast publicado em plataforma de streaming de áudio (NAS, 2023a).

Foram retirados do áudio as perguntas que continham comentários longos, palavras e frases repetitivas, grandes pausas e expressões vocais de ligação como “ãn...” e “por exemplo...” quando não eram realmente necessárias para compreensão da frase. A partir dos recortes feitos também saíram alguns trechos que eram observações breves e genéricas sobre algo que foi dito no momento das perguntas.

Optou-se pelos cortes para otimizar a experiência dos ouvintes, e também em função de ser um diálogo entre pessoas que falam línguas diferentes, que se encontram em locações diferentes (São Paulo/Brasil e Connecticut/Estados Unidos), fazem parte de gerações diferentes, entre outras especificidades de experiências, histórias de vida e relações com os territórios. Tais distâncias tendem a tomar mais tempo para algumas explicações e comentários adicionais.

Desse modo, torna-se necessário situar, neste texto, o conteúdo das perguntas que resultou nas respostas oferecidas por Lewis Gordon, disponibilizadas nas gravações (NAS, 2023a). Por exemplo, quando comenta sobre a questão de no Brasil haver uma discriminação diferenciada nos tons de pele que faz com que pessoas da mesma família sejam classificadas como brancas, pardas e pretas, ele comenta que isto para ele não faz sentido, desde que é (assim como sua entrevistadora) pertencente a uma família de diversos tons de pele, incluindo pessoas com cabelos dourados e olhos claros. No caso da família do Lewis, todos são listados como negros nos Estados Unidos. Ele acrescenta ainda que a divisão étnica baseada em cores é, de modo geral, também uma consequência do colonialismo (NAS, 2023b).

AS MENTIRAS DO COLONIALISMO

A questão da descolonização do conhecimento reúne camadas mais profundas – algumas intocáveis – onde o que vemos é a ‘ponta do iceberg’ através de modelos que se repetem e reproduzem-se em grandes escalas através da internet e nas faces mais recentes da computação ubíqua que nutre, desenvolve-se e se espalha em seus diversos modos, muitos denominados ‘inteligência artificial’.

Se toda estrutura do conhecimento filosófico, científico e humano do mundo moderno reflete divisões tais quais ‘colonizador/colonizado’, os desafios para descolonizar o espaço web, as tecnologias e seus desenvolvimentos nos levam a encontrar os problemas fundamentais que sempre moveram os debates éticos: alteridade, desigualdade, exclusão, pertencimento, segregação, exploração e justiça social, para citar alguns.

Lewis Gordon aponta alguns dos problemas fundamentais do colonialismo Euromoderno que estimulou movimentos etnofilosóficos dentro de uma ‘capa’ de universalismo no entendimento do humano e natureza, além do que poderia ser considerado ‘principal’ em termos de conhecimento. Assim, segundo ele, a história das ideias e da ciência frequentemente representou racionalizações sobre a degradação humana a que eram (e continuam expostos) grupos, em sua maioria ‘não-brancos’. (GORDON, 2022) Assim, populações nativas/indígenas, escravizadas e colonizadas sofrem continuamente de uma espécie de melancolia em consequência de um luto por separação e perda de um mundo substituído por outro ao qual não pertencem com dignidade. O sentimento ‘homelessness’, a falta de acolhimento e abrigo não é geográfico, mas temporal.

Ele lembra, portanto, que celebrar a diversidade sem acolher a diferença é resultado de uma centralização de uma teoria que precisa ser ‘branca’ para ser válida. Que a separação entre teoria e prática, com a subalternização desta última, aumenta as lacunas sociais refletidas nos campos do conhecimento, o que ele chama de uma ‘dependência epistêmica’ (GORDON, 2022) dos povos ‘não-brancos’ que se ancoram na experiência e precisam ser ‘ensinados’ até que aprendam a pensar e teorizar como brancos.

A deslegitimação da experiência tornou o pensamento colonial ‘superior’ e a aceitação de tais dinâmicas de poder na esfera acadêmica faz com que as demandas de inclusão agreguem alguns gêneros e cores aos espaços sem contudo gerar representatividade epistêmica. O próprio conceito de racionalidade que é um pilar do pensamento moderno, tende a não representar a decolonialidade como meta-ética no respeito à diversidade de saberes.

No Brasil, o ideal de mestiçagem criou uma ‘cortina de fumaça’ sobre o racismo, desde que o ideal sempre foi do embranquecimento da população, meta sem nenhum sucesso, já que a soma de pretos e pardos ultrapassa os 50% (Prudente, 2020), sem contar ainda com todos que ainda se autodeclaram ou se identificam como brancos sem de fato sê-lo, o fazem, seja em concordância com o seu registro de nascença, seja por conveniência social, ou mesmo pela ignorância gerada pelo negacionismo do racismo, apagamento das ancestralidades indígenas e a vergonha social expressa em ditos como “fulano tem o pé na África” e outros ainda mais pejorativos como “preto quando não suja na entrada, suja na saída”.

Entretanto não é incomum que muitos que são ‘lidos’ socialmente como brancos não se identifiquem com esse saber que é o saber colonizado, sem contudo identificar os problemas de adaptação no sistema educacional a partir dos problemas de fundo apontados pela demanda decolonial.

Em outras palavras, muitos não se adaptam ao sistema educacional e são tidos como intelectualmente inferiores, quando as causas das dificuldades de adaptação tanto podem ser bem objetivas como não ter comida suficiente em casa, um lar instável com situações emocionais de violência, assim como um meio envolto em precariedades, violências interpessoais e institucionais. Ou mesmo questões mais subjetivas, quando se tem uma experiência muito rica nas relações com a natureza e o território e as abstrações da racionalidade fazem parte de uma linguagem alienígena que desmerece a experiência humana sensorial como fonte de conhecimento.

No campo da educação, há o problema quando as capacidades individuais são julgadas, desde a infância, a partir da relação e adequação ao conhecimento que vêm de uma perspectiva hegemônica e dominante, representando modos coloniais de ver o mundo em todos os temas, desde a ciência, às artes e humanidades. Assim,

frequentemente o conhecimento que muitos trazem de outras culturas, perspectivas e microculturas não é entendido como conhecimento válido.

Quando questionado sobre o fato de que quando os indígenas vão para a escola - e isso acontece tanto no Brasil como nos Estados Unidos - há uma dificuldade em “se encaixar” no conhecimento, Lewis reflete que nunca iremos nos encaixar completamente em algo, que esta é uma ideia falaciosa onde se busca reduzir as subjetividades aos sistemas reducionistas. Ele diz que se nos encaixamos completamente não temos para onde crescer. E que então a perspectiva de estar completamente ajustado aos padrões faz parte dos dispositivos de poder do mundo industrial moderno que se desenvolve através da colonização/apropriação de territórios. (NAS, 2023c)

Lewis Gordon enfatiza que o colonialismo é uma mentira que se dá através da imposição de uma versão do mundo que tenta referendar a exploração, abuso e violência dos que estão em posição de privilégio sobre as pessoas as quais se entende como inferiores. E o que se procura gerar é um convencimento de ambas as partes de modo que as ideias de inferioridade e superioridade encontrem como apoio conceitos, formas de pensar que estabelecem limites e acessos à direitos essenciais a partir de invenções racializadas, baseadas por exemplo em tons de pele.

Assim, a negritude que levou à construção da anti-negritude se ancora em um imaginário onde ser valorizado é não ter limites. Enquanto o mundo da negritude teve como limite final a escravidão, ser branco é poder fazer o que quiser, criando a noção de que ser branco é desejável.

Entretanto, ele diz que é preciso trazer à tona a complexidade do que as pessoas são quando falamos sobre mulheres, quando falamos sobre gênero, quando falamos sobre raça, quando falamos sobre sexualidade, quando falamos sobre classe, porque o colonialismo moderno “criou uma noção de que algumas pessoas eram perfeitas por serem, digamos, cristãs. Perfeito, por ser, digamos, masculino. Perfeito por ser, digamos, branco. E perfeito por ser, por exemplo, rico” (NAS, 2023b).

CIÊNCIA, PADRÕES E DESVIOS

Os povos colonizados tampouco são homogêneos. Temos influências de diferentes origens, mesmo entre Brasil e Jamaica que são os locais de nascença dos atores desta interlocução. Lewis Gordon foi perguntado sobre a questão de, quando um colonizado de múltiplas ancestralidades chega na escola e percebe não ser inteiramente representando pelo sistema de conhecimento, não apenas nos modos que as histórias são contadas, como também a presunção de que alguns modos de conhecer são melhores do que outros, o que fazer com o sentimento de nunca se “encaixar”?

Lewis Gordon comenta os sistemas de conhecimento a partir de sua biografia, desde que faz parte de uma família mista, que tem pessoas de todo o mundo. Lembra que a história dos impérios no passado criavam situações em que muitos grupos precisavam sair de onde estavam e se mudar para outro lugar. E quando chega o processo de colonização Euromoderna, a ilha da Jamaica, por exemplo, era composta de Africanos forçados à escravidão enquanto muitos indígenas foram mortos sistematicamente desde o desembarque de Colombo. E, em seguida, as pessoas que foram trazidas aos bandos eram diferentes tipos de brancos. E, diz ele, “sempre dizemos branco, mas branco inglês não é o mesmo que branco irlandês ou branco escocês, branco alemão ou branco italiano.”

Os ‘tons de branco’ também possuem diferentes tipos de status na ordem geopolítica e econômica global, hoje, e no passado mais ainda. Assim, o Brasil e os países da América do Sul foram majoritariamente colonizados pelos mediterrâneos-brancos que são portugueses, italianos, e espanhóis.

Ele diz que, “no norte da África, embora historicamente negros, os africanos não se autodenominavam negros” (NAS, 2023c). Nesta região no passado os europeus foram escravizados, tendo gerado assim uma mestiçagem e clareamento da pele da população.

Portanto as questões da multiculturalidade advindas do encontro de diferentes povos não é algo novo e sempre influenciou a cultura e conhecimento de toda humanidade. Porém no colonialismo da era moderna as pretensões de universalidade criaram não apenas mal-entendidos.

Entende-se na ciência e educação que “todos devem usar o mesmo sapato”. Lewis Gordon faz uma analogia com um caso real quando relata que nasceu com o pé torto, com síndrome de Tourette, que resultava em dificuldade de andar, dislexia, epilepsias múltiplas, e que, ao mesmo tempo, o que eram desvantagens se tornaram oportunidade para dedicar-se ao aprendizado e receber atenção de modos diferentes dos demais. Assim ele começou a falar com três meses de idade e se desenvolveu aprendendo a aprender em circunstâncias difíceis.

Mesmo que tenha sofrido bullying nas escolas ele não se perguntou “o que há de errado comigo” como normalmente faria uma pessoa totalmente saudável e apenas discriminada negativamente por circunstâncias externas. Do contrário ele se perguntou o que havia de errado com aquelas crianças para zombar, maltratar e abusar de alguém que não tinha as vantagens que eles tinham.

Depois, quando se tornou imigrante nos Estados Unidos aos 9 anos ele se assustou em ver como as crianças zombavam dos pobres. Porque “quando ia para a escola com tênis muito baratos e limpos, e tinha muito orgulho de usá-los, as crianças riam e apontavam para mim por usar sapatos baratos.” (NAS, 2023c)

Lewis Gordon menciona alguns dos detalhes da biografia para demonstrar como as questões em torno da educação diziam também respeito a colonização e o imaginário do mundo industrial moderno.

Ele destaca que há confusão nos ideais de igualdade, desde que o sentido ético e político que seria a igualdade de forma a ter uma vida digna desde a infância à vida adulta nunca foi acessível a todos. E as verdades e mentiras fazem parte de um repertório homogeneizante onde um grupo ‘perfeito’ de pessoas possuem um ‘conhecimento perfeito’, capaz de tornar as pessoas ‘inferiores’ civilizadas.

Embora na antropologia tal característica denominada ‘etnocêntrica’ seja considerada errônea desde que é enviesada, sua influência, assim como o positivismo e tantos outros conceitos, permanecem presentes.

Lewis Gordon enfatiza que a ideia de que um ‘grupo perfeito’ de pessoas construiu tudo ao nosso redor visando o bem comum, em geral exclui os créditos aos envolvidos nas construções. Ele diz que os construtores são mulheres, homens, e pessoas para além do binário evocado pela racionalidade moderna. São estes que

trazem, não apenas os corpos e músculos para tornar sonhos realidades, como também as ideias criativas de tudo que se cria, funciona e que se ergue no espaço.

E quando o assunto são as tecnologias, mais falácias se apresentam. A ideia de que somos separados das tecnologias que usamos para ele não parece correta se considerarmos tudo que entendemos sobre o surgimento e desenvolvimento do humano desde a pré-história. Ele diz que os hominídeos “não ficaram sentados sendo ignorantes por dois milhões de anos (...eles) estavam encontrando maneiras de sobreviver e desenvolveram tecnologias.

Claude Levy Strauss disse algo absolutamente correto: a diferença entre um machado de pedra e um machado de aço é que um é feito de aço e o outro de pedra. Ambos cortam. Aquelas pessoas antes mesmo de aparecerem os homo sapiens, encontraram uma maneira de desenvolver ferramentas para tirar a pele de animais, fazer fogo, cortar madeira, fazer todo tipo de coisa, comunicar, (...) Então, quando evoluímos, já havia um mundo de tecnologia. E nunca houve uma separação entre o Homo Sapiens e o tecnológico.” (NAS, 2023c)

Lewis Gordon aponta que este ser que se desenvolve junto com as ferramentas tampouco fazia parte de um grupo ‘puro’ e destacado como se quis crer por muitos séculos dentro do conhecimento científico ocidental. Diz que nunca fomos uma espécie única e fechada e que sempre houve mistura genética. Então não é do sentido racista de mestiçagem que se fala, mas do encontro e troca entre grupos distintos.

Mas se evoluímos junto com a tecnologia, estamos em um momento em que a tecnologia se esgota ou não funciona. Porque as tecnologias informacionais vão além de melhoramentos de performance. Elas carregam multicamadas de saberes que estão comprometidos com crenças capazes de produzir mais sofrimento, aumentando as distâncias quando querem diminuí-las, causando maiores desigualdades quando querem solucionar problemas.

Lewis Gordon afirma que a educação precisa ser repensada e que decolonização é saber transformar os ideários de sistemas ‘perfeitos’ e fechados em possibilidades abertas nas quais as pessoas podem aprender como aprender, e criar uma sociedade em um mundo que se encaixará a elas e não o contrário, de modo a trazer qualidade de vida em sentidos mais amplos.

COMENTÁRIOS FINAIS

Nos trechos finais da entrevista Lewis Gordon comenta sobre a importância dos mitos nos elos sociais de comunicação, nas contações de história que atribuem significado às coisas e definem as culturas. Neste sentido, a linha tênue entre arte e ciência seria de que a ciência requer evidências que podem ser comprovadas através de um consenso. Que a arte imagina, intui e prevê, e a ciência é sobre aprender como as coisas ‘funcionam’.

Ele ressalta também que as evidências aos quais a ciência requer pertencem à comunidade, e que há, portanto, um desvio quando a ciência se torna um ‘grupo fechado’ que pode manipular narrativas, escapando às evidências, criando portanto ficções com status e autoridade de verdade. Obviamente que tal crítica não se trata de negacionismo da ciência, senão a constatação de desvios tais como a eugenia onde buscou-se provar o improvável a partir das ideias de mundo dos cientistas.

Como a arte é associada ao mundo sensorial e subjetivo, integrá-la à ciência seria também reconhecer que a ciência não é neutra e imparcial, que sempre existem fatores individuais, culturais e sociais capazes de influenciar sua atenção, olhares e processos de decisão. Este reconhecimento portanto seria um importante passo para descolonizar a ciência de modo a agregar e melhor entender as perspectivas da multiculturalidade.

Finalmente, Lewis Gordon conclui que tudo que é possível fazer hoje para falar de decolonização, é porque antes de nós houveram pessoas que tiveram coragem de confrontar as distâncias que separam os grupos sociais, fazendo crer que alguns são mais aptos e cultos que outros. Assim ele cita Angela Davis e outros que tornaram suas atividades no campo do conhecimento uma face do ativismo. Por outro lado, ele também enfatiza que se tornou aceitável que mulheres e pessoas ‘de cor’ falem da sua experiência enquanto o espaço da teorização continua sendo majoritariamente masculino e branco.

Nota ainda que quando uma mulher é integrada dentro de um espaço de conhecimento e poder masculino se espera que ela assuma a ‘capa’ masculina, de modo que suas características ‘desviantes’ do padrão comportamental podem ser frequentemente apontadas como extremamente “emocionais” com as cargas

pejorativas das mais diversas (histórica, louca, descontrolada, etc.). Do mesmo modo, das pessoas negras integradas a espaços historicamente ocupados por brancos se esperam atitudes comportamentais que se encaixem nos modelos de tudo que se entende como adequado. A etiqueta reúne um conjunto de atributos estéticos que comunica os modos de pensar do grupo que emerge com maior poder no sistema industrial da era moderna (EAGLETON, 1993).

Embora o policiamento comportamental já tenha sido foco de críticas, expressas em conceitos como a biopolítica (FOUCAULT, 2008), ele continua em voga e Lewis Gordon observa que o seu processo de inclusão como filósofo no ambiente acadêmico foi brutal. Sua dica é não esperar aceitação e aprovação de ninguém. Simplesmente ser e fazer o que deve ser feito, algo que ele considera um compromisso moral, em especial de todos os que possuem ancestralidades suprimidas por sistemas de poder impostos através de abusos, violência e má-fé.

BIBLIOGRAFIA

- BRAGATO, F. F., & GORDON, L. R. *Geopolitics and decolonization: perspectives from the Global South*. Rowman & Littlefield, 2017.
- EAGLETON, T. *A ideologia da estética*. Zahar, 1993.
- FOUCAULT, M. *Nascimento da biopolítica*. Curso dado no Collège de France (1978-1979). Martins Fontes, 2008.
- GORDON, L. R. *Fear of Black consciousness*. Penguin UK, 2022.
- GORDON, L. *Freedom, justice, and decolonization*. Routledge, 2020.
- LANDER, Edgardo *et al.* *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas*. CLACSO, 2005.
- NAS, E.; TERCEIRO, L. *DecolonizAI*. 2022. Disponível em: <https://www.decolonizai.com>. Acesso em: 4 ago. 2023.
- NAS, E. *DecolonizAI*. 2023a. Disponível em: <https://soundcloud.com/decolonizai>. Acesso em: 4 ago. 2023.
- NAS, E. O colonialismo e a mentira. *DecolonizAI*. 2023b. Disponível: <https://soundcloud.com/decolonizai/colonialism-and-its-lies-interview-with-lewis-gordon-episode-1>. Acesso: 4 ago. 2023.
- NAS, E. *Science, Patterns, Education: an interview with Lewis Gordon (Part 2)*. *Decolonizai*. 2023c. Disponível em: <https://soundcloud.com/decolonizai/science-patterns-education>. Acesso em: 4 ago. 2023.
- PRUDENTE, E. *Dados do IBGE mostram que 54% da população brasileira é negra*. *Jornal da USP*, 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-a-e-negra/>. Acesso em: 4 ago. 2023.